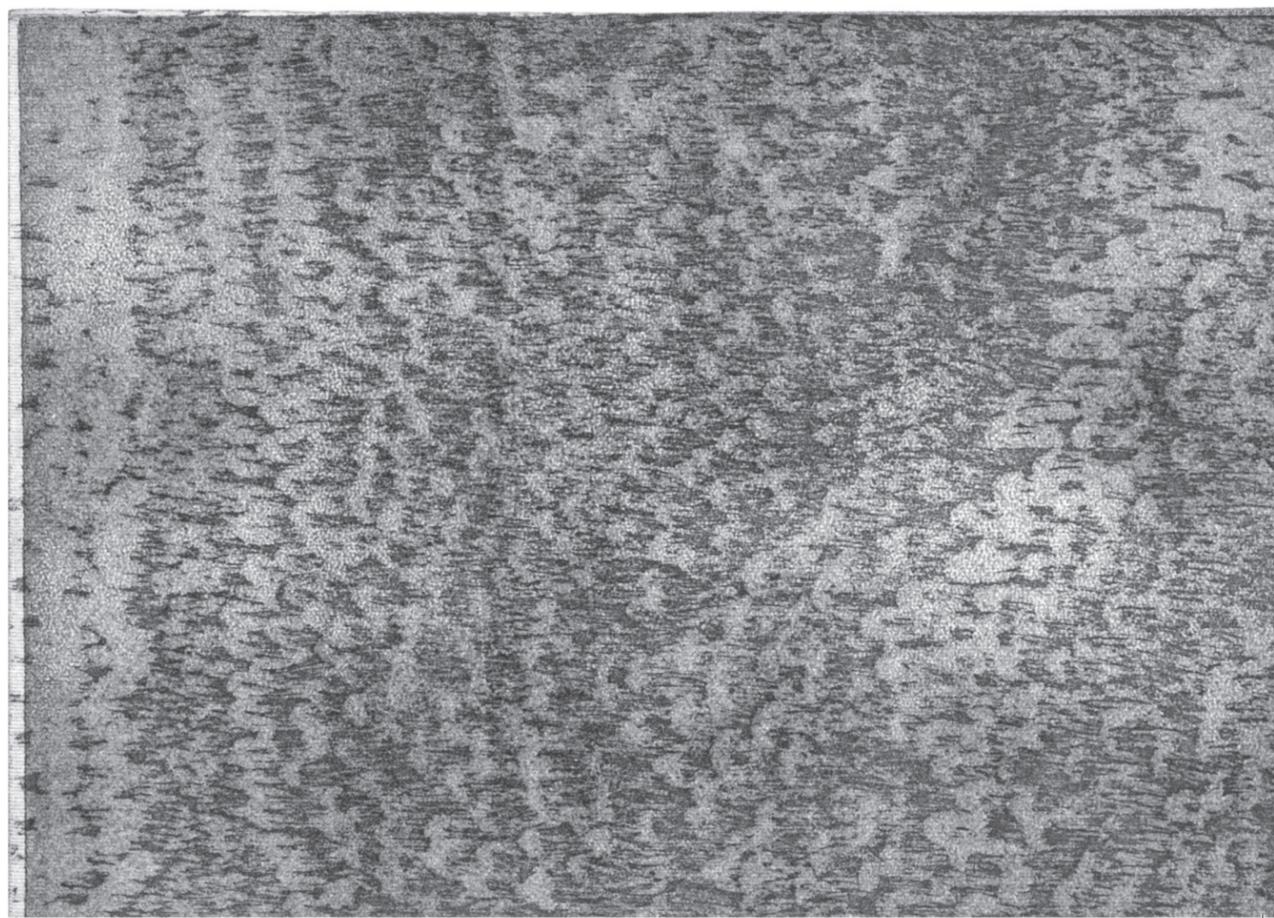
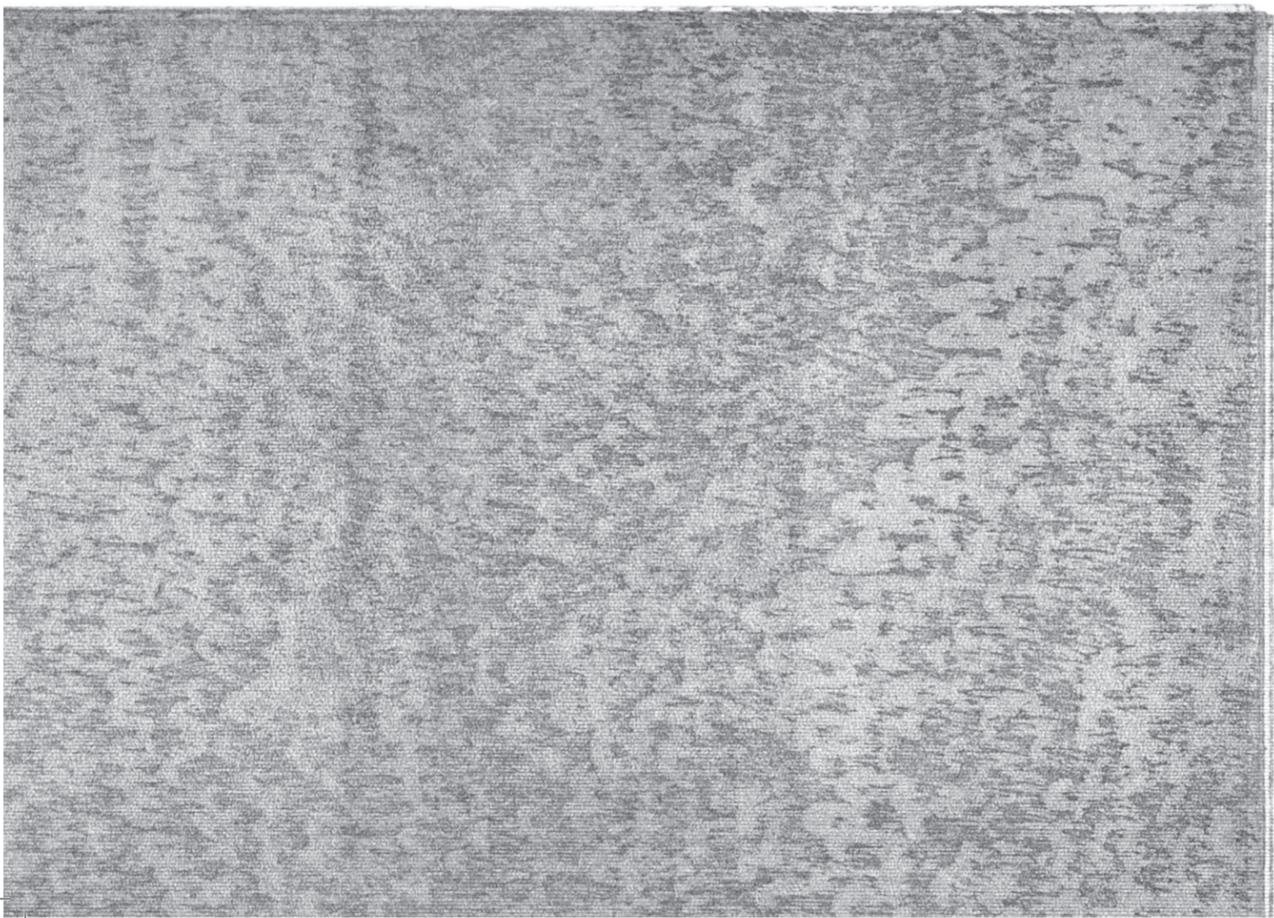
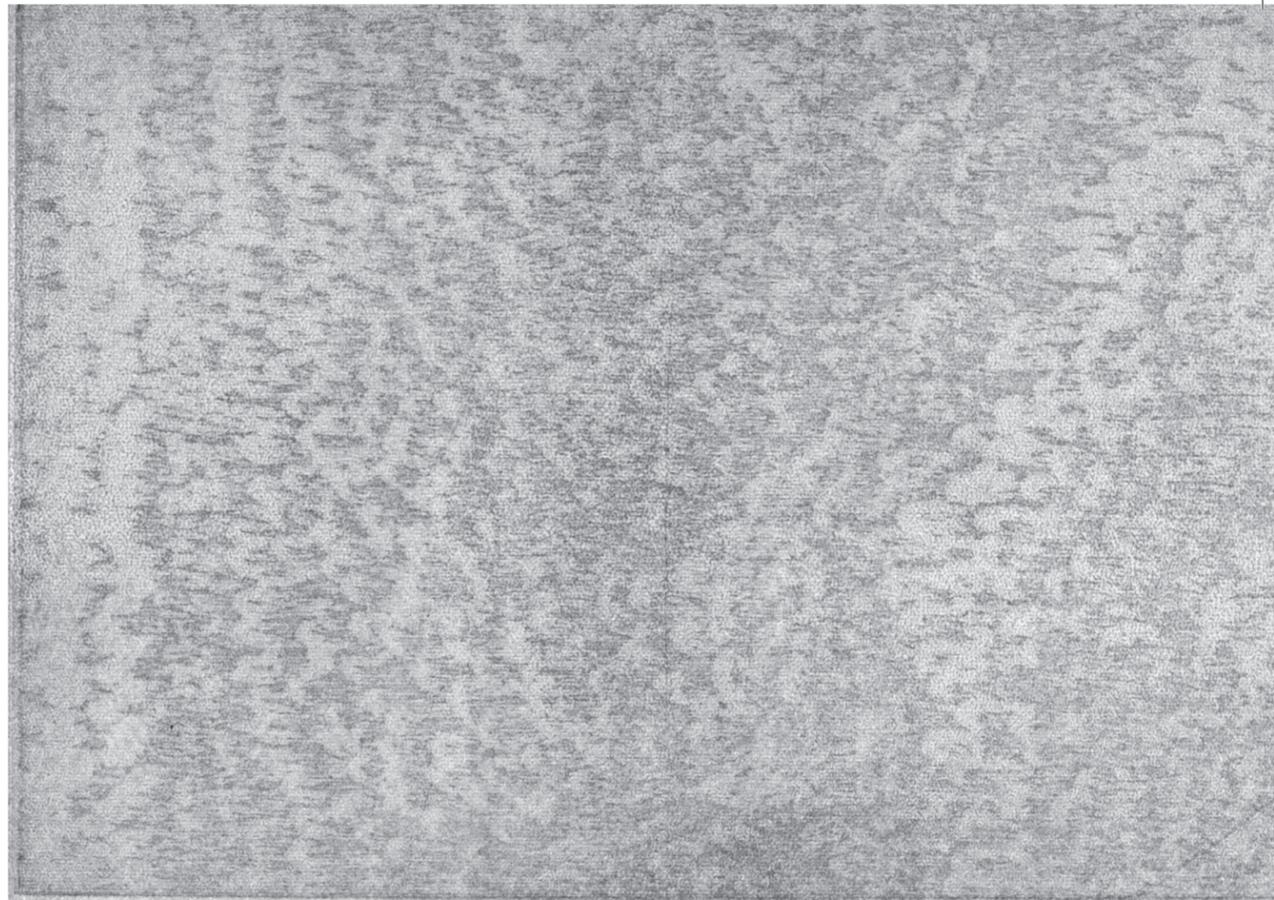


dizem Belas Duras dizem Belas
Duras dizem Belas Duras dizem
Belas Duras dizem Belas Duras
dizem Belas Duras dizem Belas
Duras dizem Belas Duras dizem
Belas Duras dizem Belas Duras
dizem Belas Duras dizem Belas
Duras dizem Belas Duras dizem

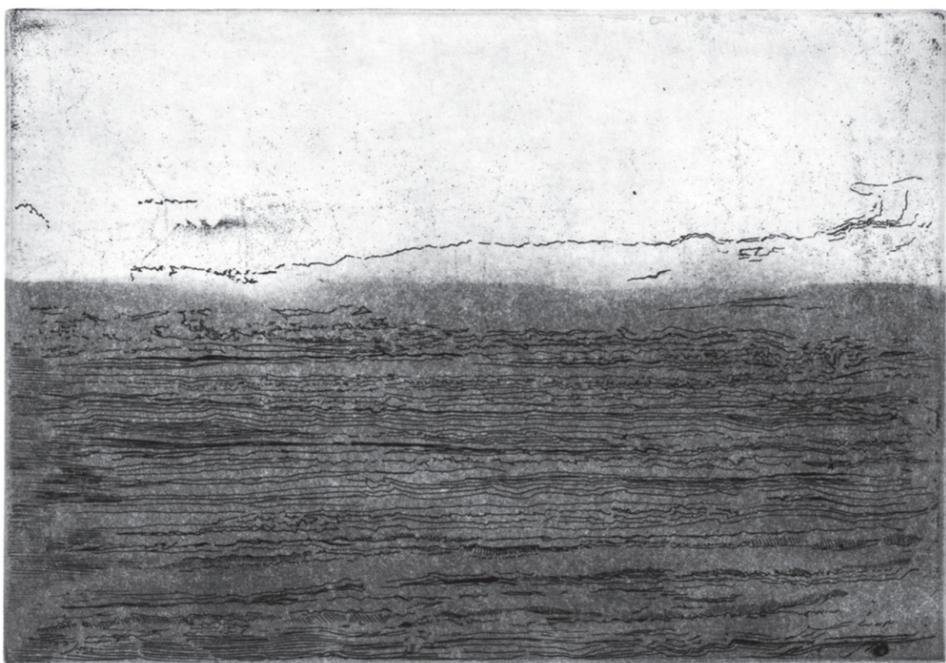
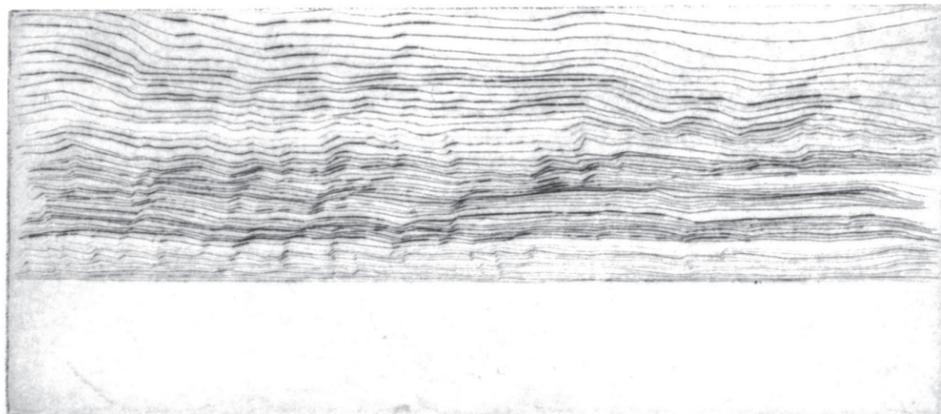
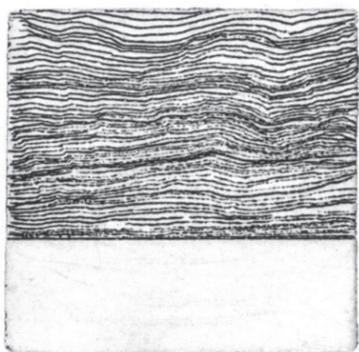
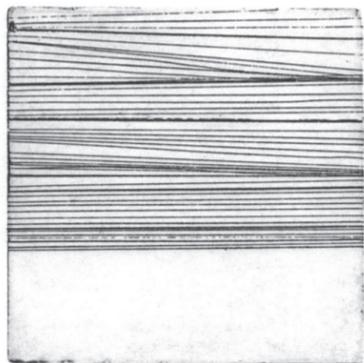
dizem elas Duras dizem elas
Duras dizem Belas Duras dizem
Belas Duras dizem Belas Duras
dizem Belas Duras dizem Belas
Duras dizem Belas Duras dizem
Belas Duras dizem Belas Duras
dizem Belas Duras dizem Belas
Duras dizem Belas Duras dizem

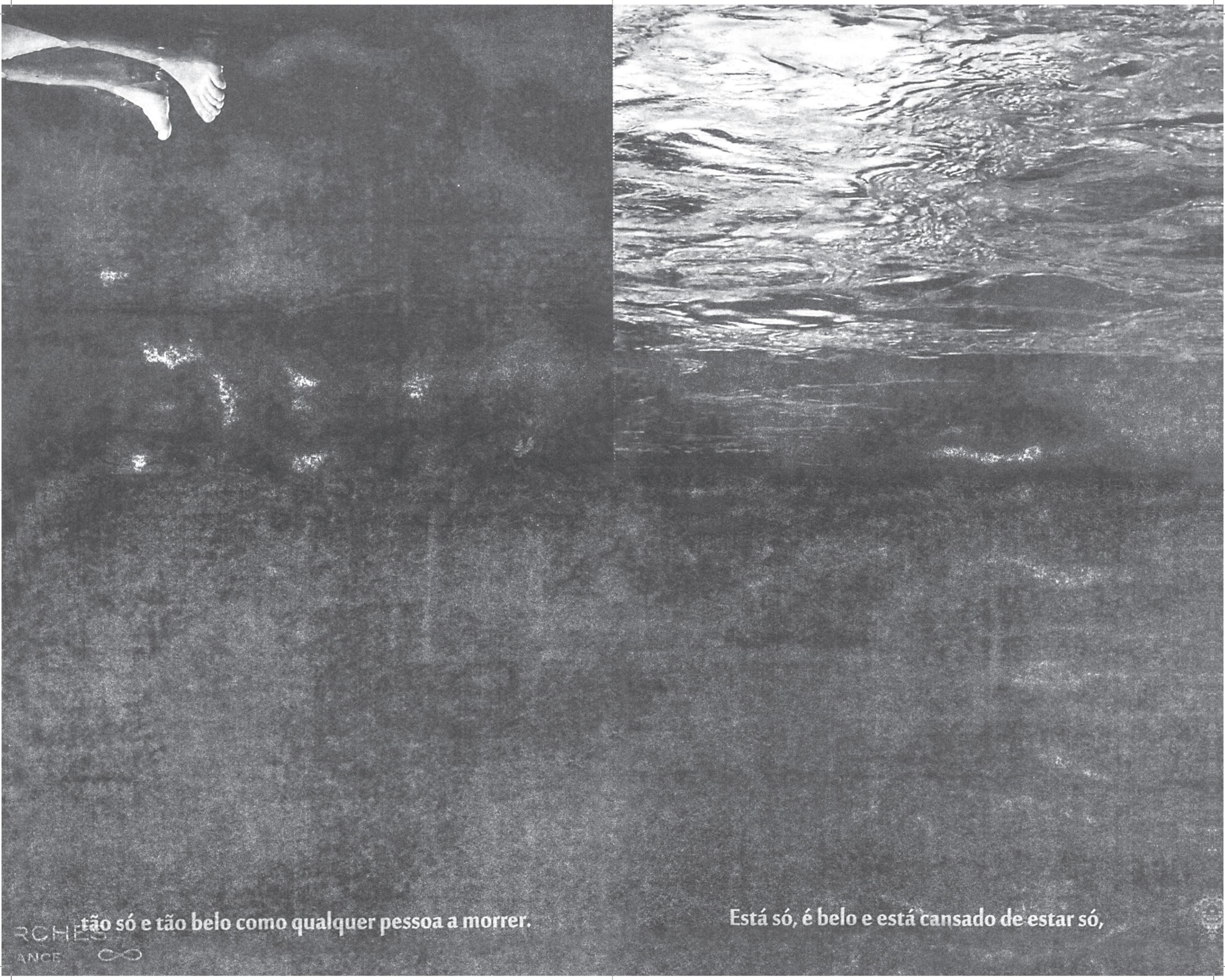
Duras dizem Belas Duras dizem
Belas Duras dizem Belas Duras
dizem Belas Duras dizem Belas
Duras dizem Belas Duras dizem
Belas Duras dizem Belas Duras
dizem Belas Duras dizem Belas
Duras dizem Belas Duras dizem

Duras dizem Belas Duras dizem
Belas Duras dizem Belas Duras
dizem Belas Duras dizem Belas
Duras dizem Belas Duras dizem
Belas Duras dizem Belas Duras
dizem Belas Duras dizem Belas
Duras dizem Belas Duras dizem



YSSONWEE
WEDSODIENW SAGNIE
SICGIS KRIHNESSOIEKSDO
FINNIBILSSESIEFRIBESWA
HIOHNEOIASSVINTONWOD
SSONNEINANDSKNEIEHO
SODENNS EINHVVSDHOD
WENNEVA/BAOFRONKES
HINNESMORERSSK
SINBETSONWNAEHSK
HINNEALSSEHESK
WENNESSEBRIBEN
CRIDENBODWEN
WONNIBSODVENE
ENNEANDRANVNA
EINSEHESSEVWOS
IAREHESSEHAG
ANDSEHESSEHAG
XINANDNSAWNIONEN
VIOHEWNAWSEVSE
OSIAWNAWSE

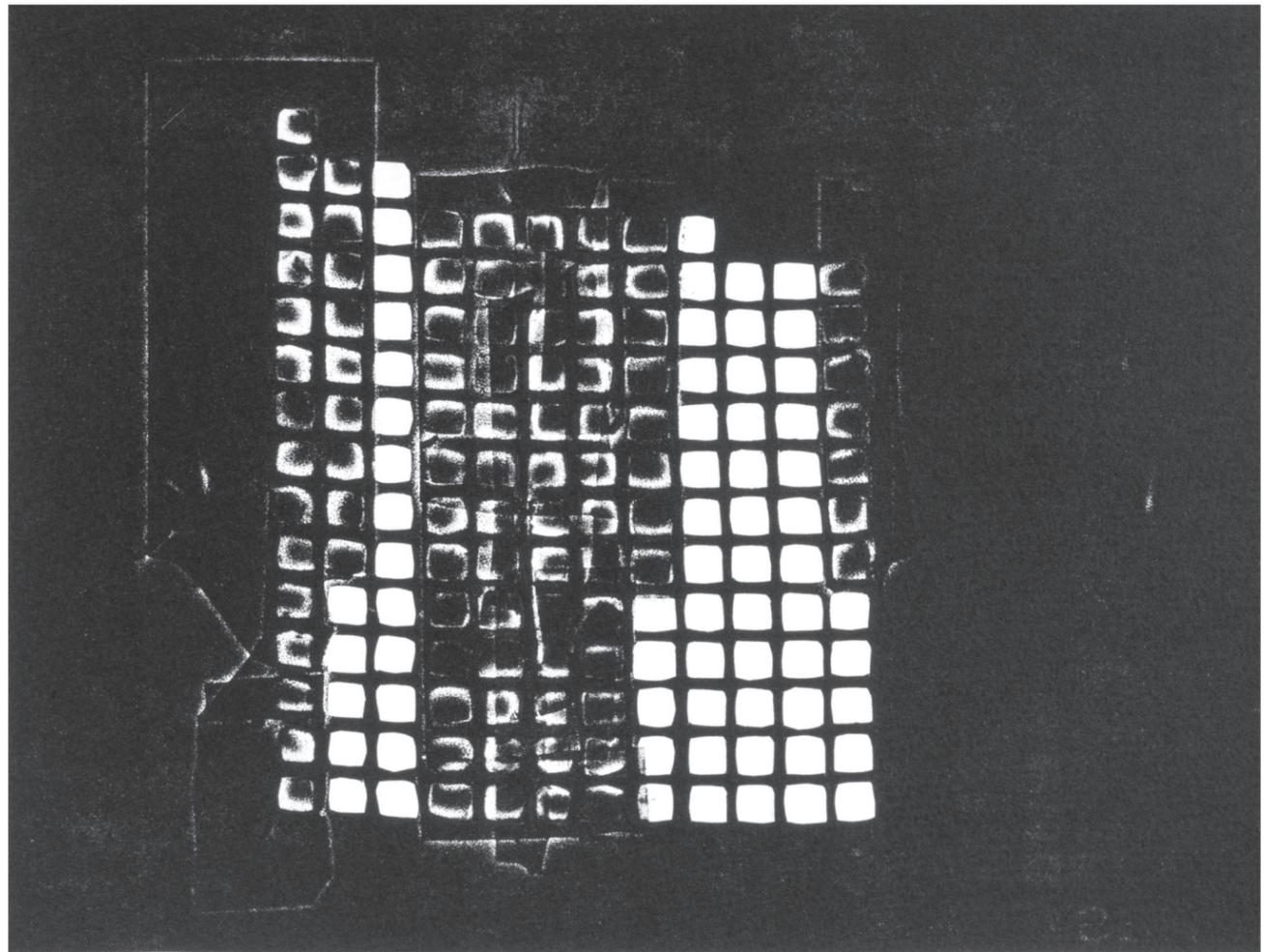
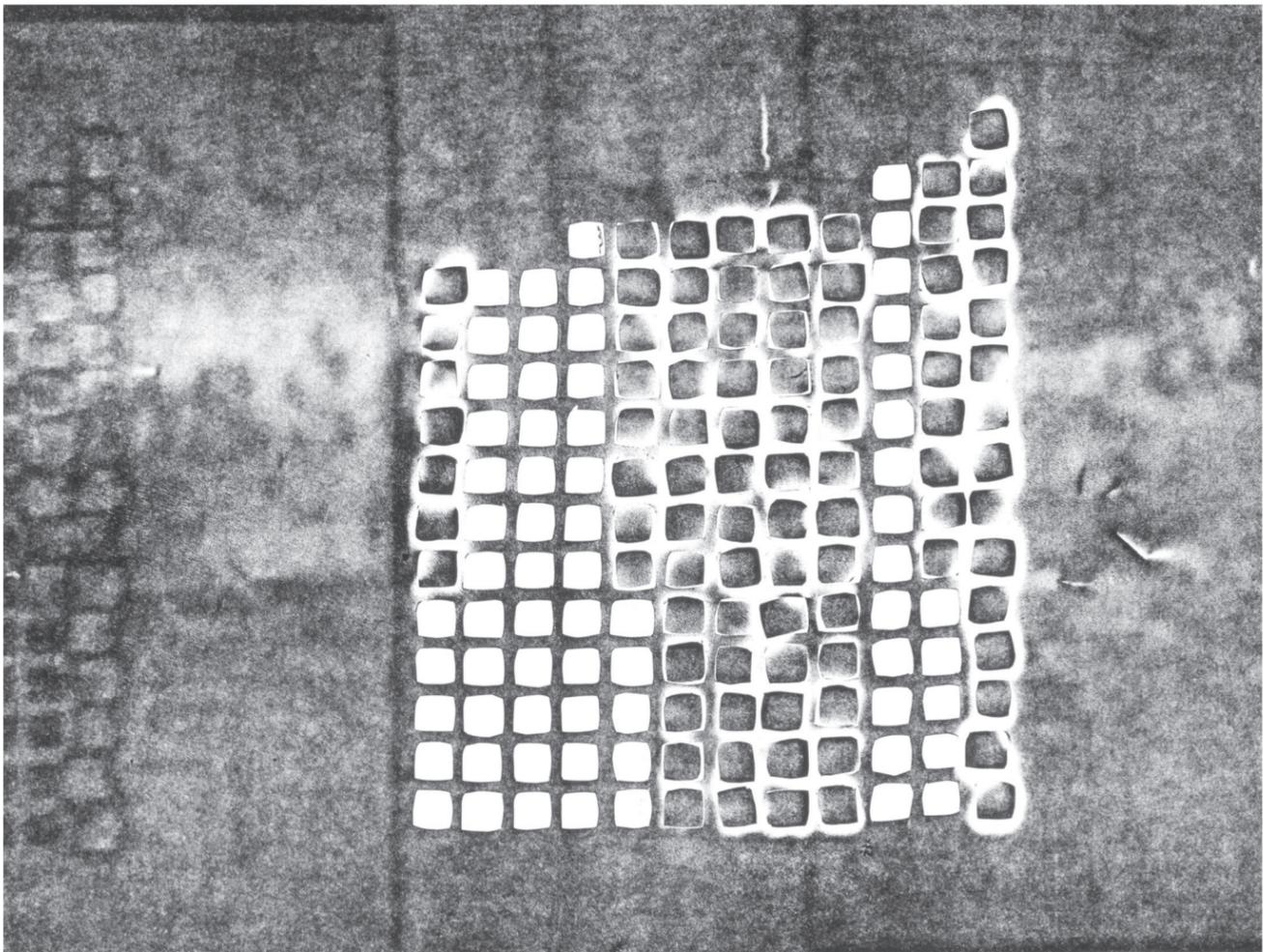
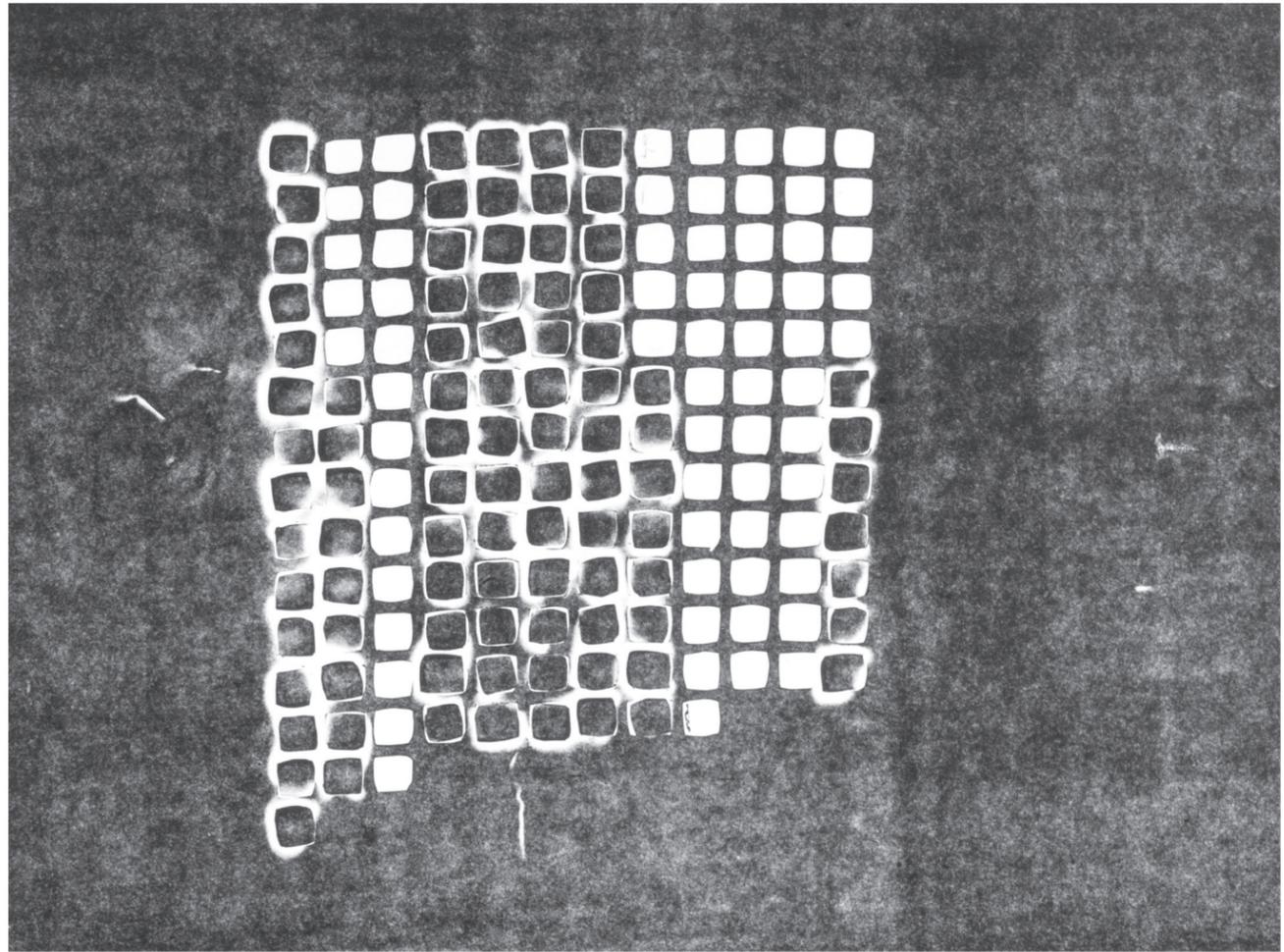
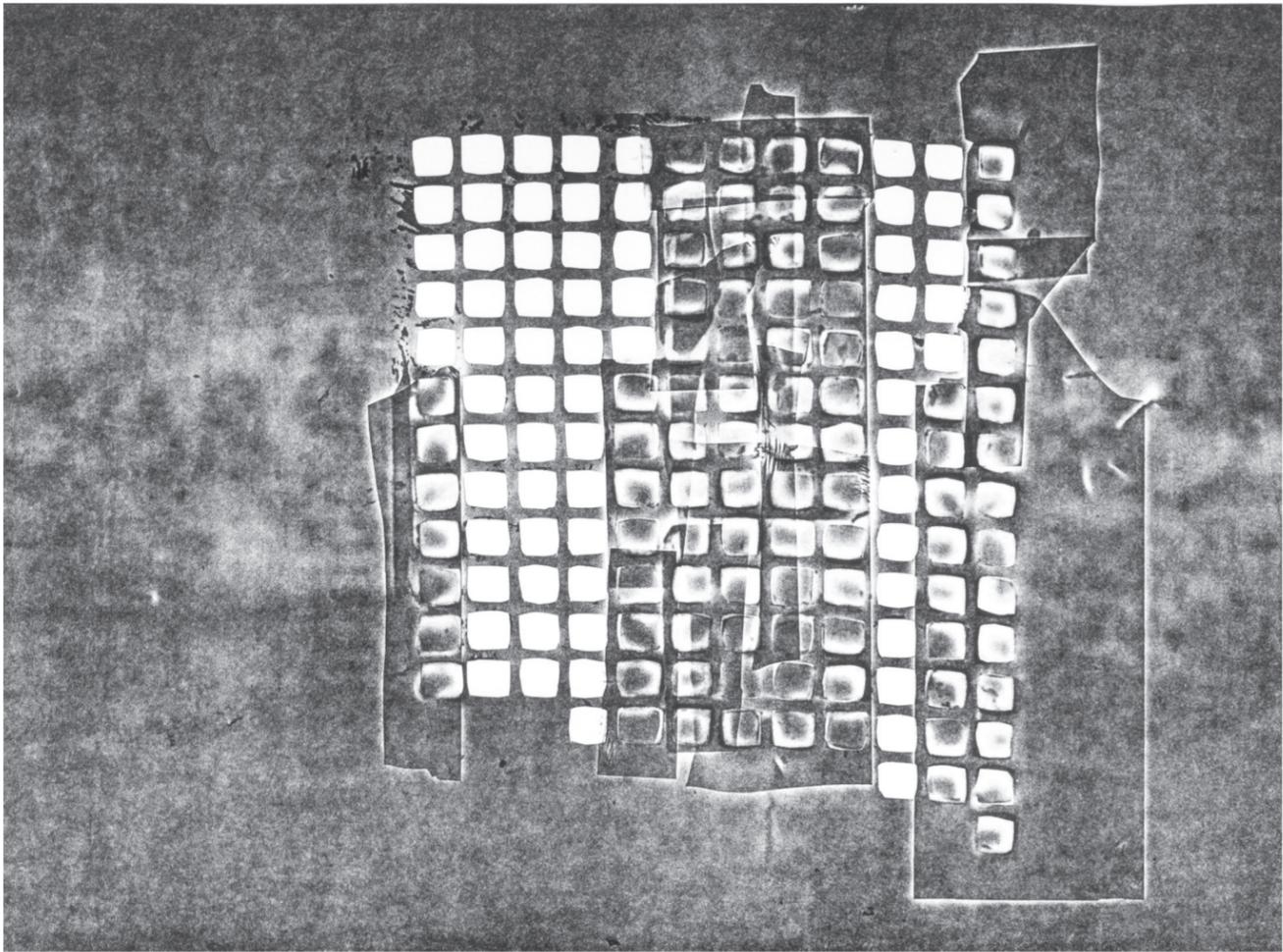


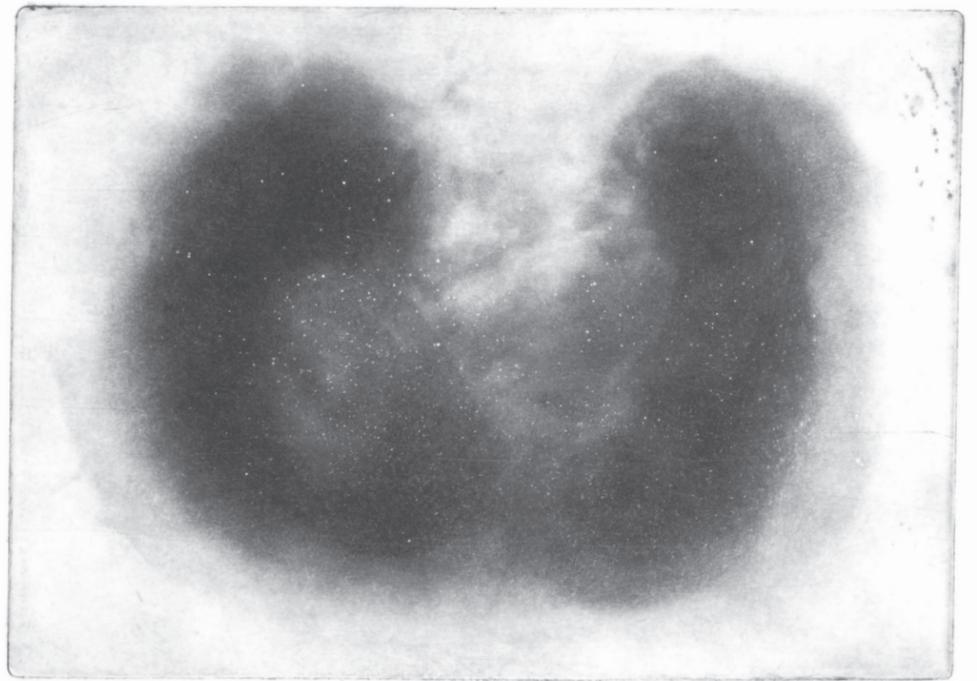
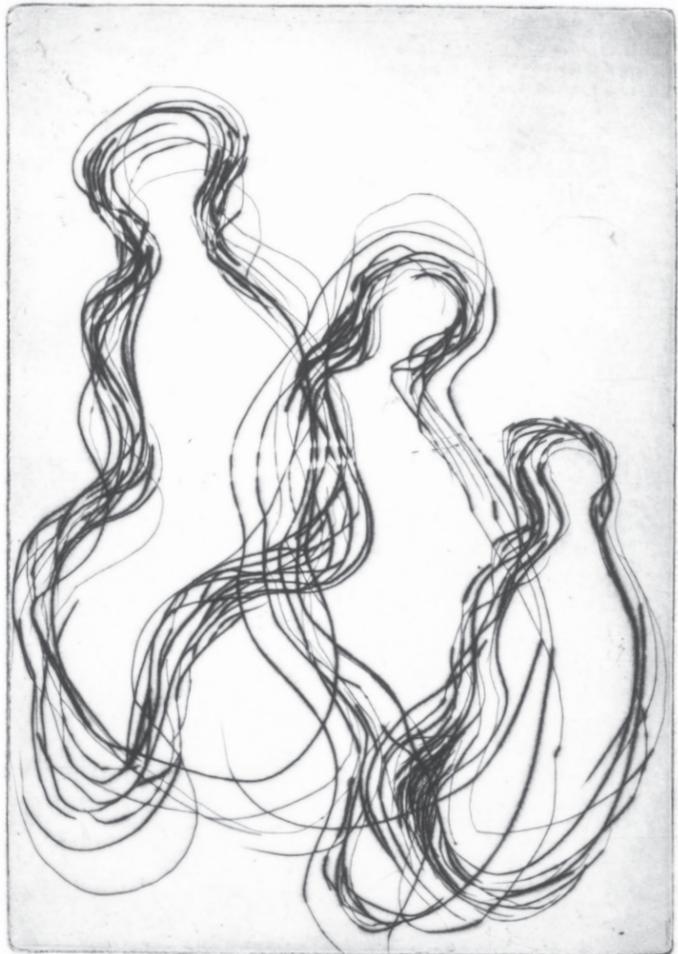
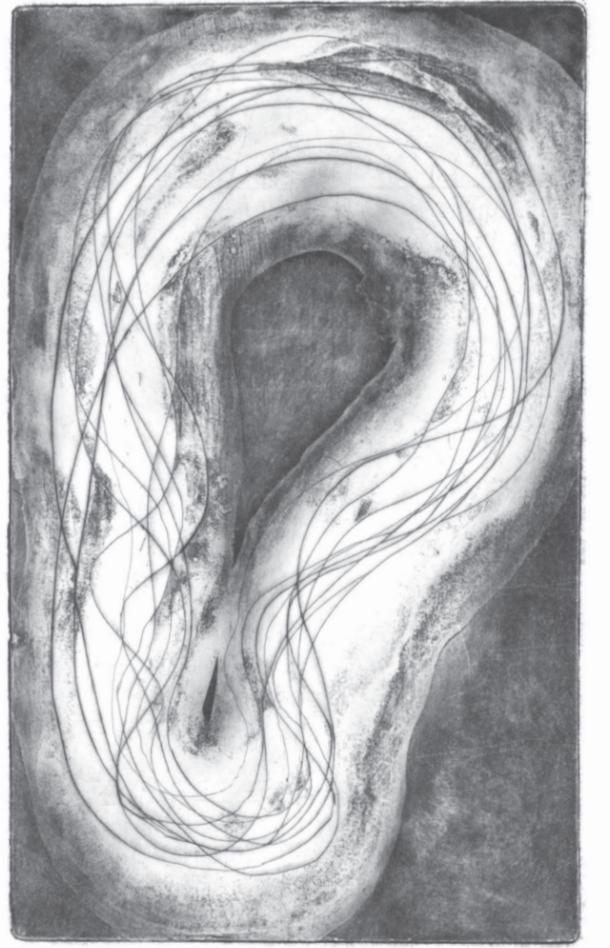
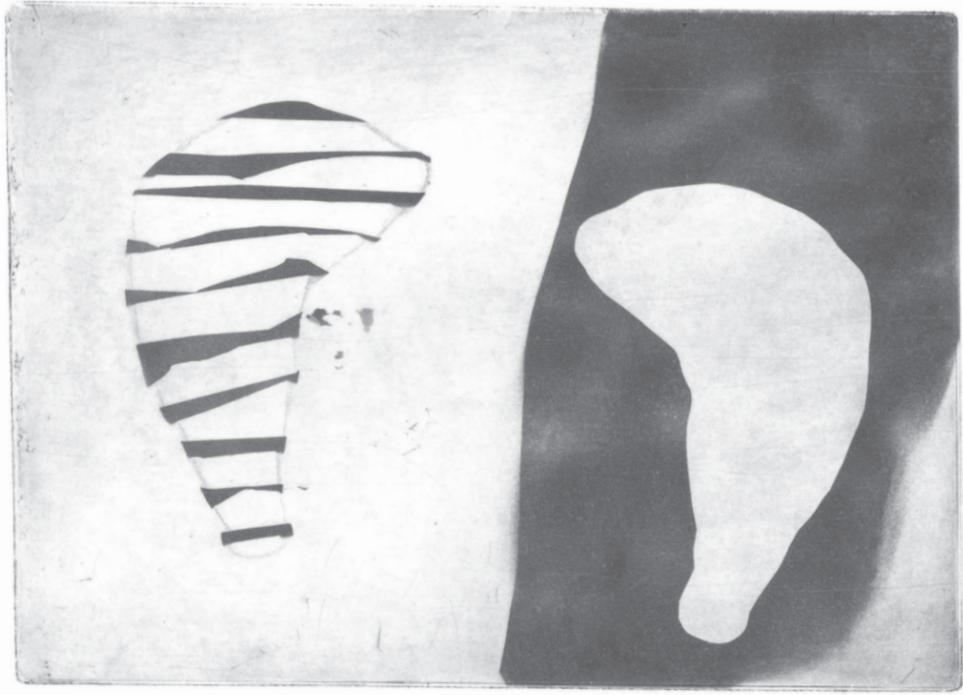


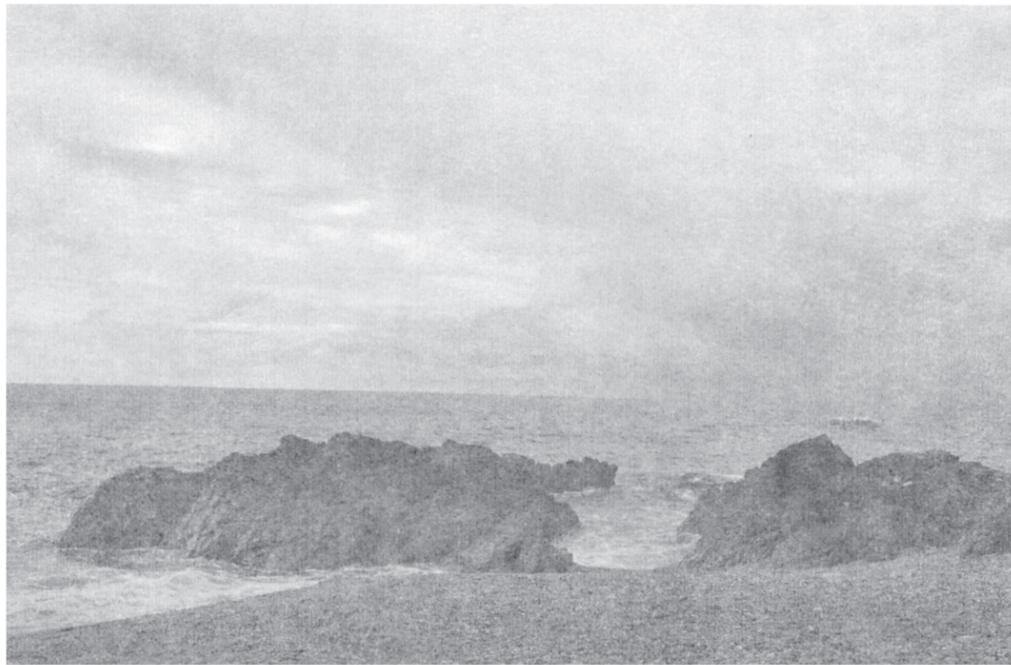
ROCHE
ANCE ∞
tão só e tão belo como qualquer pessoa a morrer.

Está só, é belo e está cansado de estar só,









Quão longa pode ser uma paisagem sobrepota? Quantas camadas tem um olhar pousado sobre o corpo ausente? De que lado haverá de erguer-se um ponto de fuga? Entrar, não podem senão esperar. Esperam as ondas, esperam vultos distantes, esperam o tempo do amor e da morte. Esperam que a tinta escorra sobre cada umas das arestas. Não repetem, esperam.

Écoutez, sous les vagues du fleuve, il y a maintenant le bruit de la mer. Ougam, sob os arcos do rio, o rumor agora do mar.

O rumor de amar com as mãos negativas. Era apenas uma carta, *Aurélia*: a sua auréola, as mãos positivas sobre o papel, sobre a pele, sobre a película. As imagens tumorosas, o amor do mar sobre as mãos (um filme difícil, como todos os filmes). Tanta curta-montagem, tanto corte na viagem, era um filme de mulher: cego, mudo. E a dor num nome, o amor num nome: *Aurélia, que auréola te cerca, que halo é o teu?*

O halo da culpa. A culpa de um nome. A culpa dela(s), a minha culpa, a culpa de todo um povo, a culpa da humanidade. Um labirinto de nomes passados e que não passam. Preto sobre branco, branco sobre o preto, para sempre ou até...

De quantas variações se faz o canto de uma gravura? Quantas camadas de nomes para dizer eu sobre ela(s)? Quantas dobradas faremos numa imagem por vir? [Silêncio]

Escrevo-o numa página branca e dou-lho. Je l'écris sur une page blanche et je lui donne.

Dou-lhe o branco e o negro, *le rouge et le noir*, porque também as cores se escrevem quando as letras falham, ou quando falha o coração e o nome nasce. A página cheia de tanto branco, a margem e a mancha, a margem é a mancha, e o nome cresce. Sabes bem que não preciso de mais palavras se tenho estas cores, se tenho o teu nome em riste no azul dos meus olhos em ti. E quando tudo grita o branco ensurdece-me o olhar: é um acidente gráfico, ontográfico. O meu acidente és tu, *Aurélia*, sempre que não digo o teu nome.

Sempre que não digo, ou não ouvimos, Anne-Marie Stretter, mas ela está lá – aqui – a deslizar, fatal, sob a melopeia de palavras interditas.

Muitos nomes para esse outro nome que nunca pronunciaremos, porque um desejo assim, tão intenso, rasga todas as palavras e prolonga-se em música.

Ela(s) [ou nós]: Mas como imprimir o som mágico de um piano a contornar dois corpos embalados pela solidão, lá longe, nas margens do Ganges? Como imprimir uma voz rouca, lenta, aquela voz hipnótica de Marguerite Duras, ou seria a de Jeanne Moreau? Escavaremos outras margens? Brancas de tinta, in-graváveis, recortes mentais? Onde começa o fora-de-campo? Até onde chega a voz dela(s)?

Não, tu não viste nada em Hiroshima. Non, tu n'as rien vu à Hiroshima.

E no entanto sabe. Que o nada é o mito que é tudo. Sabe porque viu: *como poderia ter evitado ver?* Não evitou nada, não inventou tudo, ele e ela, o amor como Hiroshima, uma ilusão. (Uma destruição.) Destruiu a pele, diz ela de olhos fechados. Destruiu o terror do rasto, deixou o corpo intacto. E eis que tudo recomeça: os números, a escala da morte, os ferimentos no asfalto, o caos em chamadas, as cinzas da cidade. Tudo recomeça entre ele e ela.

Tudo repentino: a cólera, o amor, o furo e a ferida.

Tudo lento: a infância, a guerra, a casa e a dor.

Quantos livros há neste livro? Quantas imagens em cada gravura? Que solidão essencial habitou cada uma das Belas para escavar a partir de um nome, de uma cor, de uma música repetida? Quantas cartilhas sobre uma pele áspera de memórias, uma pele de papel?

Agora, de novo, um livro de imagens debuçadas sobre si mesmas. Sem medo de (re)começar, um livro à sombra dela.

Mesmo que ela tenha lido aquilo que outro escreveu – « tudo no mundo existe para acabar num livro » –, não acreditou nesse sentido único. Não podia aceitar nenhum absoluto sem quebras nem desvios. Saiu do livro para o palco, saiu do palco para a tela, saiu da tela para o jornal, mas nunca saiu da escrita.

DURAS EXQUISE

ANA PAULA COUTINHO
JOANA MATOS FRIAS

No início era um verbo em síntese explosiva de um nome, não mais que um nome – Marguerite Duras. O verbo era insistir, como quem dissesse resistir, como quem quisesse partir, como quem não pudesse senão continuar a ler-ver-ouvir-ler – inscrever.

Insistir ontem, há um ano, há quarenta anos... Insistir quanto tempo mais? Não sabem ainda, mas vêem; não sabem ainda, mas tateiam; não sabem ainda, mas procuram.

Gravam como quem experimenta. Entregam-se a gestos de mãos dobrados pelo tempo. Começam a surgir outras formas, sinuosas, sulcos abertos contra as palavras. Rasgam, riscam, cortam; procuram não esquecer. Já não sabem de quem, mas há uma, várias vozes que se erguem da prensa.

Détruire, dit-elle. Détruire, disse ela.

Destruiu, disse ela, bela como a destruição. De rosto escondido, a escrita selvagem como se antes da vida, como se depois das imagens daquele filme-vulcão. Tudo comprado com a loucura, insustentável peso do ser-escriptor. Coisa curiosa, disse ela, *contradição e contra-senso: não falar, calar, gritar sem ruído*. O pior de tudo é o livro, tentar não morrer dele ou da solidão em Lahore. O pior de tudo é ser livre em Lahore, não ter horários, nunca mentir a não ser aos homens, morrer de tanto mentir. Mas nunca morrer no livro. Nem morrer de medo do livro.

A luz da noite dispensa as intensidades do dia. E tu, livro, matas-me de fome (distforme) enquanto eu te devoro.

Silêncio, e depois.

– *Gostaria de continuar a divagar como o faço em certas tardes de verão como esta, no labirinto de ti, livro.*

– Mas como? Se nós nunca tivemos modelo e desobedecemos sempre.

– Agora é tarde. Terminou o resto.

– Corta!

– C'est tout.

– *E tudo?*

– Oui, c'est tout, c'est l'in-fini.

*Canção da minha terra longínqua / Tu que falarás dela/ Agora desaparecida.
Chanson de ma terre lointaine / Toi qui parleras d'elle/ Maintenant disparue.*

Não dizes nada, canção, não dizes nada: nada o silêncio entre sílabas, nada o corpo no corpo apagado, a noite nada que é tudo, e, lá longe, ela, longa como o rio. Olhos negros, cabelos azuis, a tinta temperada dos amantes toda derramada no café na esquina. E ele alto como o mar. E o mar nu como o quarto dele. Perdem-se os dois, ambos se perdem assim *no riso, na agonia, no deserto.*

Como também nós nos perdemos em *O seu nome de Veneza na Calcutá Deserta*, trajecto inenarrável de uma mulher que carrega consigo a ideia geral da mulher. História incontável – dizia ela – na vez de leitora e encenadora da sua própria escrita.

Têm sexo estas gravuras? Que há nelas de incrustações que deixem adivinhar paredes, objectos, janelas e gestos ancestrais de uma casa habitada por mulheres? Será que, à imagem da casa de *Nathalie Granger* repleta de espelhos, esta combinatória de ecos visuais existe para nos conduzir para as margens do visível, para os limites da página? Para além do livro, para fora do mundo?

E outros continuarão a gravar, também errantes, à procura de inscrição no *regard du «pourquoi» absolu. Insoutenable. No olhar do «porquê» absoluto. Insustentável.*

Leveta de querer. Peso de escrever. O absoluto literário nas mãos, inscrever o olhar sem porquê. A imagem absoluta, sem peso, sem paisagem. Ou a paisagem inscrita fora do texto, na margem absoluta. Insustentável peso do limite, preso no contorno da mão que escreve. *A escrita sou eu, Gustave Bovy.* O amor sou eu, possível de tão impossível, no fim do mundo e de mim: é esta a beleza da tortura, *ce malheur merveilleux.*

Uma tortura prodigiosamente exacta. Uma doença de morte como um corte, um sulco de água, um rasto de tinta.

Ninguém a verá aqui. Há que procurá-la numa bermã de estrada, numa praia ou na sala envidraçada de um palácio deserto. Bela adormecida de uma dança sem par.

E nós, de que falaremos quando as luzes se apagarem sobre o papel preso à parede de tantos dias? De que fraqueza essencial há-de este desejo de leitura prosseguir? De que imagens, de que outras palavras-imagens?

Un livre ouvert c'est aussi la nuit. Um livro aberto é também a noite.

Não entres gentilmente nessa boa-noite, Dylan dixit. O livro olha-me, o livro diz-me: de dia como de noite, eu sou a tua ideia fixa. *Lê-me à noite, lê a noite com a sua escuridão, o negro das páginas em branco, preto-e-branco em torno de mim e da minha paixão. A luz do dia dispersa as intensidades da noite.*

FICHA TÉCNICA PUBLICAÇÃO

Duras Dizem (B)elas

INICIATIVA

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa
i2ads

TEXTOS

Ana Paula Coutinho
Joana Matos Frias
Graciela Machado

COORDENAÇÃO

Ana Paula Coutinho
Graciela Machado

DESIGN EDITORIAL

Lisa Penedo

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Graciela Machado

FOTOGRAFIA

João Lima
Lisa Penedo
Mónica Araújo

PRODUÇÃO

Edições Afrontamento
Impressão Offset
Munken Lynx 120gr
Capa Munken Lynx 240gr
Tiragem 50 Exemplares

FICHA TÉCNICA LIVRO DE ARTISTA

Duras Dizem (B)elas

INICIATIVA

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
i2ads

COORDENAÇÃO

Graciela Machado

ARTISTAS

Adriana Romero
Bárbara Branco
Carolina Santos
Catarina Marques
Catarina Real
Joana Gomes
Joana Patrão
Margarida Ramos

PRODUÇÃO OFICINAL

Catarina Marques
Graciela Machado

DESIGN EDITORIAL

Catarina Marques

PRODUÇÃO

Oficinas de Técnicas de Impressão da FBAUP
Impressões em calcografia, transferência xerox
Velin Arches Blanc 160g picotado
Capa Munken Pure 240g dobrado
Tiragem 3 Exemplares

IMAGEM IMPRESSA

GRACIELA MACHADO

Esta versão livro impresso distingue-se pelo seu desejo de permanência. A relação com a realidade, pela imagem, passa pelo confronto com uma materialidade, a qual nos reservamos cultivar. Durar, na sua fragilidade ainda.

É necessário entender aqui o percurso. Numa exposição montada na biblioteca da FLUP, tínhamos várias imagens, estáticas e móveis: vídeos, gravuras, impressões. Como comprimir até ao limite as narrativas construídas por várias autoras?

A presença, era necessária. Ter no papel a invisibilidade do que ensaiamos. Não é uma coincidência que entre as imagens que circulam, projetam, seja ainda necessário sentir, pensar, e inquietar com o ver através de uma imagem impressa. Aproximar da imagem. Não esquecer.

Dois movimentos em colisão: cortar, e comprimir numa só imagem ou sequência de imagens o percurso narrativo instalado no espaço. O livro de artista surgiu, natural, como argumento daquilo que criamos através de processos enraizados na sedução pela imagem estática. Afetados por esta experiência particular, outra vez repetimos o que nos intriga num território tecnológico cuja literalidade ou diferença processual, de sentido de perda, determina o universo das imagens. Devido aos processos de (re)produção aplicados, o que se verifica decorre paralelo ao que inicialmente se havia enunciado. Nada se repete na verdade.

Cada imagem, reproduzida, representa um (re)nascimento. Cada imagem capta e retém essa densidade que procuramos. Queríamos que este livro, em duas versões, ajudasse a absorver a experiência da imagem e da sua materialidade. Evitasse o desaparecimento a que as imagens estão votadas e o nosso desprendimento perante a sua presença. Pelo facto de se tornarem impressas, tangíveis, nessa capacidade de afeição que a gravura ou reprodução mecânica produz. Não se desliga um livro. Pega-se nele, toca-se, desdobra-se, folheia-se, desmembra-se.